

ÓSCAR LOPES, LEITOR DE JOÃO CABRAL

ÓSCAR LOPES, READER OF JOÃO CABRAL:

Solange Fiuza 

Universidade Federal de Goiás, Brasil

Resumo

O artigo examina a acolhida crítica de João Cabral de Melo Neto por Óscar Lopes, destacando-lhe o papel central na recepção do poeta brasileiro em Portugal. Analisa três resenhas publicadas por Lopes nos anos 1960 e o prefácio à *Poesia completa* (1986), situando-os no contexto cultural, político e crítico português do período salazarista e do pós-25 de Abril. Nesse contexto, Óscar Lopes emerge como um crítico materialista não dogmático, sensível à articulação entre linguagem, ética e dimensão social da poesia cabralina. Suas leituras contribuíram decisivamente para a canonização de João Cabral em Portugal, evidenciando a complexidade formal e humana da obra do poeta, para além de leituras impressionistas ou estritamente temáticas.

Palavras-chave: Óscar Lopes; João Cabral de Melo Neto; Recepção crítica portuguesa.

Abstract

The article examines Óscar Lopes's critical reception of João Cabral de Melo Neto, highlighting his central role in the reception of the Brazilian poet in Portugal. It analyzes three reviews published by Lopes in the 1960s and the preface to *Poesia completa* (1986), situating them within the Portuguese cultural, political, and critical context of the Salazarist period and the post-April 25th era. In this context, Óscar Lopes emerges as a non-dogmatic materialist critic, attuned to the articulation between language, ethics, and the social dimension of Cabral's poetry. His reception contributed decisively to the canonization of João Cabral in Portugal, foregrounding the formal and human complexity of the poet's work beyond impressionistic or strictly thematic approaches.

Keywords: Óscar Lopes; João Cabral de Melo Neto; Portuguese Critical Reception.

Resumen

El artículo examina la acogida crítica de João Cabral de Melo Neto por parte de Óscar Lopes, destacando su papel central en la recepción del poeta brasileño en Portugal. Analiza tres reseñas publicadas por Lopes en la década de 1960 y el prólogo a *Poesia completa* (1986), situándolos en el contexto cultural, político y crítico portugués del período salazarista y del período posterior al 25 de Abril. En este marco, Óscar Lopes emerge como un crítico materialista no dogmático, sensible a la articulación entre lenguaje, ética y dimensión social de la poesía cabralina. Sus lecturas contribuyeron de manera decisiva a la canonización de João Cabral en Portugal, al poner de relieve la complejidad formal y humana de la obra del poeta, más allá de lecturas impresionistas o estrictamente temáticas.

Palabras-clave: Óscar Lopes; João Cabral de Melo Neto; Recepción crítica portuguesa.

Na história da acolhida crítica de João Cabral de Melo Neto em Portugal, de 1949 à contemporaneidade, avultam nomes diversos e relevantes da crítica portuguesa, a exemplo de Vitorino Nemésio, João Gaspar Simões, Eduardo Prado Coelho, Arnaldo Saraiva, Rosa Maria Martelo, Joana Matos Frias, entre outros. Um deles, entretanto, merece uma atenção especial, considerando a sua representação para a crítica e a cultura portuguesas. Refiro-me a Óscar Lopes (1917-2013), que, nos anos 1960, dedicou três resenhas ao poeta brasileiro publicadas em periódicos do Porto e, em 1986, prefaciou a poesia então completa de João Cabral, saída pela Imprensa Nacional/Casa da Moeda.

Para muitos, Óscar Lopes é conhecido como coautor, com António José Saraiva, da *História da Literatura Portuguesa*¹ (1954), obra que, nas palavras de Manuel Gusmão (*in* Santos, 2007a, p. 49), “não viu gerar-se nenhuma outra rigorosamente equivalente nem verdadeiramente alternativa”. Mas esse empreendimento, malgrado sua relevância, está longe de esgotar a obra e o homem Óscar Lopes, que apenas proponho apresentar brevemente.

Óscar Lopes nasceu em 1917², em Leça da Palmeira, hoje pertencente ao Município de Matosinhos, na região metropolitana do Porto, em uma família da média burguesia católica e conservadora. Filho de pais músicos (o pai era professor de Piano e a mãe de Violoncelo) e tendo estudado no Conservatório de Música do Porto, a música foi uma paixão constante na sua vida e marca presença entre os diversos saberes (filosofia, antropologia, psicologia, história etc.) que atravessam a sua crítica e o seu ensaísmo literário e que, longe de esmagarem os textos, alargam-nos.

Desde criança, o espetáculo das camadas mais pobres da sociedade, especialmente dos pescadores de Matosinhos, impactou a formação moral e ideológica de Óscar Lopes. Também, como outros da sua geração, conhecida como neorrealista, foi profundamente marcado pela Guerra Civil da Espanha e pela descrença no liberalismo econômico e político. Ainda, a exemplo de diversos jovens dos anos 1930, sentiu muito cedo uma aversão ao colonialismo e a toda forma de dependência de um povo em relação a outros povos, bem como à estratificação e exploração social. Nesse contexto, a revolução soviética de 1917, de Lenine, que nos anos 30 aparecia como uma revolução que tinha conseguido constituir uma sociedade viável, levou Óscar Lopes a aderir, em 1944, ao lado de outros contemporâneos, ao Partido Comunista

1 A primeira edição da *História da Literatura Portuguesa* data de 1954, tendo a obra conhecido diversas atualizações, sendo a última, após a morte de Saraiva, de 2017.

2 Nas referências finais, está arrolada a metacrítica acessada sobre Óscar Lopes, a qual, citada ou não, embasou a construção do breve retrato do autor.

Português. Pelo PCP foi deputado à Assembleia da República Portuguesa e se manteve fiel até o fim da vida, mesmo consciente das contradições e das deformações do comunismo russo. Para ele, o comunismo português era diverso do soviético e, em 2013, ainda acreditava em uma revolução comunista para Portugal (Lopes, 2013). Assim explica, numa entrevista, o sentido em que era e permaneceu marxista:

Não tenho uma concepção dogmática, fechada, muito definida doutrinariamente, mas simplesmente um sentido humano de solidariedade que me leva a verificar que a luta de classes é uma realidade, e estar sempre com aqueles que estão na mó de baixo. E estarei sempre. Dentro do meu povo e nas relações do meu povo com outros povos. (*in* Câmara Municipal de Matosinhos, 2007a, p. 31)

Tendo se licenciado em Filologia Clássica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e em Ciências Histórico-Filosóficas pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Óscar Lopes foi professor nos Liceus de Vila Real (1941), Alexandre Herculano (1946-1949) e Rodrigues de Freitas (1950-1974). Entre fevereiro de 1955 e junho de 1957, esteve afastado do serviço letivo oficial, sob detenção e depois sob julgamento por motivos políticos³. Absolvido e reintegrado, foi proibido de lecionar Literatura, sendo professor de Língua Portuguesa e Linguística no nível liceal até 1974. Foi como professor do secundário que escreveu e publicou a *Gramática Simbólica do Português* (1971), marco da moderna linguística portuguesa.

Sobre o cerceamento de sua atuação como professor de Literatura, manifestou Óscar Lopes no discurso lido quando da entrega do Prémio Vida Literária:

fui em 1953, e definitivamente, empurrado para fora do ensino oficial da Literatura, e optei, devo declarar que sem grande mágoa, pelo ensaio de semântica e pragmática linguística – então em estado nascente, na sua apresentação formal, aquela que por sinal mais me interessava, e ainda interessa.” (Lopes *in* Santos, 2007, p. 187)

Proibido de lecionar literatura, os textos literários permaneceram como uma obsessão para Óscar Lopes, na sua ânsia de, lendo-os, buscar construir um sentido, que é também o sentido da vida. Assim, continuou a exercer a historiografia, a ensaística e a crítica literária em periódicos diversos, destacando sua coluna quinzenal no jornal *Comércio do Porto*, intitulada A Crítica do Livro, que exerceu entre 1951 e 1967. Nesse jornal, entre 1956 e

3 Óscar Lopes passou por nova detenção em 1962.

1957, foi impedido de usar o seu nome em artigos, tendo lhe sido imposto pela PIDE o pseudônimo de Luso do Carmo, lembrando que Luso é um de seus sobrenomes (Óscar Luso de Freitas Lopes). Igualmente recorreu, em periódicos diversos, a outros pseudônimos, inclusive de mulher, para passar despercebido.

Óscar Lopes também foi várias vezes proibido de divulgar o resultado de suas investigações e participar de júris internacionais de literatura para os quais era convidado. Ainda, o regime inviabilizou, na segunda metade da década de 1960, as suas sucessivas candidaturas a professor da Universidade do Porto, onde ingressou apenas, sob convite, após o 25 de Abril e aí permaneceu, como professor de Linguística, até a jubilação, como catedrático, em 1987. Nessa universidade, exerceu diversas funções além do ensino e da pesquisa, tendo sido também diretor da Faculdade de Letras e Vice-Reitor.

Apesar de ter a sua trajetória marcada por perseguições, cerceamentos e duas prisões, Óscar Lopes nunca fez disso um motivo para se vangloriar. Não gostava do papel de herói, nem se via vítima de uma perseguição maior do que a impingida a tantos outros pelo regime.

Tendo atuado, como docente, na área de Linguística, Óscar Lopes publicou, em estudos literários, dezenas de livros fundamentais e foi um leitor onívoro de diversas literaturas (grega, latina, francesa, russa, alemã, portuguesa etc), de modo que o seu legado maior se afirma, sobretudo, no campo da literatura e cultura de Portugal. Malgrado isso, era um conhecedor da literatura brasileira e relacionava Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa e João Cabral de Melo Neto entre os principais autores do seu cânone pessoal.

Os estudos de Óscar Lopes são atravessados por uma perspectiva materialista e dialética, que não se limita a dogmatismo crítico algum. Como bem sintetiza Eduardo Lourenço (*in* Santos, 2007a, p. 66):

o seu discurso de historiador literário, de ensaísta, de culturólogo mesmo, não se deixar inscrever, senão com reticências infinitas, num esquema simplificador de teor marxista [...] a sua perspectiva genérica de sentido marxista vive de um diálogo interno, de uma polémica, de inquietação que se alimentam da própria experiência, da própria vivência, incodificada e acaso incodificável, do mundo escrito ou da realidade imaginária nos seus diversos aspectos, ficção, poesia, música.

*

O primeiro texto de Óscar Lopes sobre João Cabral foi uma resenha saída em 1963 n' *O Comércio do Porto*, por ocasião da publicação dos *Poemas escolhidos* de João Cabral, na coleção Poetas de Hoje, da Editora Portugalíia, de Lisboa.

Antes dessa resenha, críticos como Vitorino Nemésio e o influente João Gaspar Simões já haviam publicado sobre o poeta brasileiro. Cabral também já tinha firmado relações com seus confrades portugueses, do presencista Alberto de Serpa aos poetas mais moços, com os quais estabeleceu uma interlocução bastante profícua, a exemplo de Sophia de Mello Breyner Andresen e Alexandre O'Neill. Com Alberto de Serpa, organizou a revista *O cavalo de todas as cores*, e foi o presencista a intermediar ou estreitar a relação do poeta brasileiro com patrícios como Gaspar Simões e Adolfo Casais Monteiro. Sophia, já em 1960, publicou um artigo bastante elogioso sobre a poesia cabralina, e O'Neill, que ao poeta consagrou um agudo poema crítico em seu livro *Abandono vigiado*, de 1959, foi o responsável pela publicação, por editoras portuguesas, tanto de *Quaderna*, em 1960, pela Guimarães Editores, quanto de *Poemas escolhidos*, três anos depois. Mas a resenha de Óscar Lopes assume, na acolhida crítica de João Cabral em Portugal, um lugar de destaque.

O relevo dado à resenha de Óscar Lopes pode ser comprovado pela sua publicação, ao lado da antológica resenha de Antonio Candido sobre *Pedra do sono*, na seção Documentos, da *Colóquio/Letras* de 2002, em número que homenageia João Cabral⁴. A resenha foi aí republicada sob o título “O primeiro artigo”, com a justificativa, em nota de rodapé, de tratar-se do primeiro trabalho entre os vários que Óscar Lopes dedicou ao poeta brasileiro. Colocado ao lado do texto de Candido, o que se pode inferir é que, para os editores, o artigo de Óscar Lopes está para a recepção portuguesa de Cabral como o de Antonio Candido está para a brasileira. Ou, indo talvez ainda mais longe, haveria uma homologia entre ambos os resenhistas no que diz respeito ao papel desempenhado por eles, respectivamente, junto à crítica portuguesa e à brasileira.

A resenha de Óscar Lopes é exemplar de como a poesia de João Cabral, que logrou, nos anos 1960, em boa parte graças à publicação de *Quaderna* e d'*Os poemas escolhidos*, um grande prestígio público e crítico em Portugal, afetou a crítica mais exigente. Assim, logo no parágrafo de abertura da resenha, declara Óscar Lopes (LOPES, 1969, p. 366)⁵:

Em doze anos de crítica literária regular, raras vezes me tenho entusiasmado de veras. Melhor dizendo, porque um crítico só por vias racionais deve fazer valer os seus entusiasmos: raramente me entreguei a uma curiosidade ininterrupta, a pular por todos os cantos de uma obra recém-lida. E foi o que aconteceu

⁴ Nesse mesmo número da *Colóquio/Letras*, é publicado também o poema “Saudação a João Cabral de Melo Neto”, de Alexandre O'Neill, o que evidencia, não sem razão, a importância desse poema entre os diversos que homenageiam o autor em Portugal.

⁵ Em se tratando de textos publicados em periódicos e, posteriormente, em livro, nas citações diretas, optei pela versão em livro, por nesta prevalecer a última versão revista pelo autor.

agora ao completar a leitura de conjunto (embora em simples antologia) da obra do poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto.

Embora se tratasse de uma seleta, o livro de 1963 estava longe de se resumir numa “simples antologia”, pois dava ao público português uma amostragem bastante ampla do que Cabral havia publicado até então e da complexidade dessa poesia, reunindo, na íntegra, todos os poemas longos (*O cão sem plumas*, *Uma faca só lâmina*, *Morte e Vida Severina*, *O Rio*, *Dois parlamentos*) e, em seleta, os demais livros.

Ao tentar explicar, por “vias racionais”, o seu entusiasmo pela poesia cabralina, Óscar Lopes parte de *Psicologia da composição*. A escolha do livro foi devido, muito provavelmente, por ser ele o primeiro representado na íntegra na antologia em detrimento de três poemas de *O engenheiro* e apenas um de *Pedra do sono*. Mas, também, possivelmente, porque é na obra de 1947 que João Cabral atinge, pela primeira vez em conjunto e mais plenamente, o seu estilo reconhecível, o que se dá por meio da negação de um paradigma poético fundado na subjetividade e na “poesia dita profunda”.

Óscar Lopes percebe, no “tríptico negativo” de 1947, que “nos intervalos dessa arte poética negativa (negativa da *poesia dita profunda*) já se estavam depositando, em concreções de imagens, os temas fundamentais dos seus poemas posteriores”, a exemplo, “mesmo sem localização expressa”, do “ar seco do Sertão e da Caatinga nordestinos” (Lopes, 1969, p. 367), isto é, na poética defendida em 1947, já se podia ler o sentido ético e o político do autor que se afirmará a partir de *O cão sem plumas*.

Essa consideração inicial sobre *Psicologia da composição* é metonímia do *modus operandi* do crítico ao comentar *Serial*, de 1961, e os livros compreendidos entre essas duas obras e cujo assunto básico é a paisagem humana e geográfica do Nordeste e/ou a paisagem e a tradição hispânica. Se as reflexões de Óscar Lopes são várias e, como ele reconhece, lacônicas, merecendo cada uma delas um ensaio, elas se ancoram, sobretudo, na busca de um sentido humano que não se separa da organização linguística. Assim, se o crítico lê, nos metapoemas de *Psicologia da composição*, imagens da paisagem humana e social de livros posteriores, percebe, na obsessão do poeta pela textura material das coisas em *Serial*, na sua dialética entre o dentro e o fora, a crosta e o miolo, um significado humano e social. Por sua vez, nos livros de tema regional, em que as condições subumanas do retirante são pungentes, segundo ele, o poeta “nada bafeja de sentimentalidade compungente” (Lopes, 1969, p. 371) e “parece negar qualquer subjectividade, incluindo a das vítimas das secas e dos latifúndios” (Lopes, 1969, p. 372).

Essa resenha inicial de Óscar Lopes serve como uma amostra do campo crítico e particularmente do campo crítico português nos anos 1960, com a convivência de diferentes perspectivas e, não raro, embates críticos. Nesse panorama crítico, penso que Óscar Lopes ocupa um lugar bastante particular, pois, sendo um materialista, afasta-se da crítica impressionista e metafísica cara aos presencistas, mas, como leitor bastante cultivado e refinado, não pode ser entroncado na crítica materialista levada a cabo pelos neorrealistas. Gaspar Simões (1950, 1964), na sua polêmica com os neorrealistas, deliberadamente subestima os poemas mais explicitamente sociais de João Cabral ou lê num livro como *O cão sem plumas* um aprofundamento rumo à poesia pura, sem considerar a sua dimensão humana e social. Os neorrealistas, por sua vez, a exemplo de Alexandre Pinheiro Torres (1963), que é autor do longo prefácio dos *Poemas escolhidos*, valoriza o tema em detrimento da linguagem cabralina e acentua, em sua apresentação, sobretudo os livros voltados ao retirante. Nos anos 1960 cabe, pois, em Portugal, sobretudo a Óscar Lopes, ainda que não só a ele, uma leitura mais atenta à complexidade da poesia de João Cabral.

*

A segunda resenha de Óscar Lopes foi escrita por ocasião das apresentações, em Portugal, de *Morte e Vida Severina* pelo grupo de Teatro Universitário da Universidade Católica de São Paulo, o TUCA. Foi com a publicação de *Poemas escolhidos*, em 1963, pela editora lisboeta Portugália, que o auto de Natal pernambucano, já lido por alguns poetas e críticos portugueses, tornou-se conhecido por um número maior de leitores. Foi, entretanto, com as apresentações do TUCA, que o poema dramático alcançou projeção junto a um público mais amplo.

Em 1966, o TUCA recebeu, pela montagem teatral do poema *Morte e Vida Severina*, musicado por Chico Buarque, o prêmio de crítica e público no *IV Festival de Teatro Universitário de Nancy*. Após o Festival, o grupo realizou apresentações em Lisboa, Porto e Coimbra. As encenações alcançaram grande repercussão. Cabral, que tinha ido a Portugal por conta das apresentações, foi entrevistado por jornais portugueses. Periódicos diversos publicaram artigos e depoimentos sobre o espetáculo, nos quais predomina a repercussão bastante positiva do espetáculo. Se essa repercussão foi devida não somente ao texto encenado, mas à realização do espetáculo em si, com os atores, o cenário e a música de Chico Buarque, não se pode deixar de considerar que o acontecimento teatral pôs em evidência, para o público português, o poema *Morte e Vida Severina*, de um modo particular, e a poesia de Cabral, de um modo geral.

A primeira resenha de um português sobre o espetáculo do TUCA foi publicada, efetivamente, poucos meses antes da sua encenação em Portugal. Arnaldo Saraiva, então com 27 anos incompletos, assistiu à apresentação do TUCA no Rio de Janeiro, e publicou, no *Jornal Letras e Artes*, de Lisboa, em 5 de janeiro de 1966, uma resenha em que louva a sensibilização pública desse poema de “superior qualidade artística”:

Eu já vi representadas peças teatrais – tragédias e comédias, autos e farsas, revistas, etc – de autores de diversas nacionalidades, por companhias de diversas procedências [...]

Nunca, porém, um espectáculo teatral conseguiu emocionar-me mais do que *Morte e Vida Severina*, que universitários de S. Paulo representaram, por 2 dias apenas, ao Rio de Janeiro. Nunca me fora dado assistir a uma representação teatral que resolvesse com tanta felicidade o aparente (e para muitos ainda real) dilema vanguarda-povo, que destruisse com tanta eficácia o mito (que é ainda de muitos) da incompatibilidade entre a superior qualidade artística e a comunicação com o grande público. Nunca vira uma realização cénica que conseguisse manter uma tal tensão entre o público, desde o primeiro até ao último instante. Nunca, enfim, notara tanta e tal adesão e apoio unânimes dos espectadores (crítica incluída) – que, ao que me dizem, em S. Paulo, onde esteve três meses em cartaz, chegaram a ovacionar os artistas (ou o espectáculo) durante vinte minutos. (Saraiva, 2014, pp. 49-50)

Quando das apresentações do TUCA em Portugal, as revistas *Seara Nova*, de Lisboa, e *Plano*, do Porto, publicaram números consagrados ao espetáculo. A resenha de Óscar Lopes saiu nesse último periódico, que traz 12 impressões sobre o espetáculo e duas resenhas, sendo uma de Óscar Lopes, e outra do crítico de teatro Carlos Porto. As impressões são de poetas, atores, artistas plásticos, escritores, diretores de teatro e jornalistas e constituem notas bastante entusiasmadas, com uma ou outra nota desfavorável. A resenha de Óscar Lopes destaca-se entre as publicações do *Plano* e constitui, juntamente com a de Arnaldo Saraiva, as melhores leituras sobre o espetáculo e o poema em Portugal.

Óscar Lopes principia a resenha declarando que a representação do espetáculo o fez sentir “de um modo realmente novo o texto poético inicial de João Cabral de Melo Neto”. Sua leitura procura evidenciar a diferença de reações experimentadas antes e depois de ver o poema representado. Detendo-se sobretudo no antes, isto é, no texto, nota que, como poesia narrativa, a dimensão dominante de *Morte e Vida Severina* seria longitudinal, ou seja, temporal:

A tal *ladainha* de dores e terras subentendidas em que, como num *mistério* ou *moralidade* medieval, este Adão severino, este Every-man severino, este Humanum Genus severino cumpre o destino das suas várias mortes e ressurreições, até a Redenção que não vemos, porque a todos nós incumbe a responsabilidade de a definir e realizar. (Lopes, 1969, p. 378)

A esse processo, em si já potencialmente cênico, corresponderia uma estrutura, que o crítico procura resumir. Segundo o autor, o poema cabralino enche o leitor de uma esperança absurda, a qual nasce de um “materialismo que é uma espécie de quinta-essência superadora das religiões” (Lopes, 1969, p. 379). A esperança, nesse caso, não decorre de uma metafísica, mas é imanente à matéria.

No caso da encenação, ela teria transformado “o predomínio da dimensão longitudinal irreversível no quadro de várias dimensões espaciais reversíveis e paralelas” (Lopes, 1969, p. 381), convertendo o épico narrativo num épico exemplarista, como se a leitura do auto fosse realizada não lendo páginas numa sequência, mas localizando seus elementos ou momentos “numa mesma página impressa no palco”, de modo que a esperança ganha um “pano de fundo social humano muito mais compacto” (Plano, 1969, p. 381).

*

A publicação de obras de João Cabral por editoras portuguesas e as encenações de *Morte e vida Severina* pelo TUCA foram fundamentais no processo do reconhecimento do poeta pelos canais competentes em Portugal, o que se deu concomitantemente à sua canonização no Brasil. Nesse cenário já preparado, quando o poeta publicou, no Brasil, *A educação pela pedra*, em 1966, o livro, pela sua ordem de dificuldade, não alcançou, em Portugal, um público tão amplo quanto o auto de Natal, mas foi apreciado criticamente por leitores especialistas.

Arnaldo Saraiva, que leu *A educação pela pedra* quando de seu lançamento no Brasil e publicou, em 27 de agosto de 1966, no *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, uma resenha sobre o livro, foi o primeiro crítico português a se manifestar sobre o livro. Eduardo Prado Coelho, ainda bastante jovem, também publicou um artigo sobre o livro em 1967, no *Diário de Lisboa*. Óscar Lopes só viria a se manifestar sobre *A educação pela pedra* em 1968, numa resenha saída no *Comércio do Porto*.

Parece-me que a leitura de Óscar Lopes guarda ainda uma mirada bastante original sobre esse livro, sobre o qual, primeiramente o poeta e, depois, no seu encalço, a crítica, tendem a valorizar sobretudo a estrutura, da qual já se publicou uma planta baixa (*Colóquio/Letras*, 2000), o paroxismo a que é levado o antilirismo cabralino, e a lição de poesia que o poeta tira das

coisas. O crítico, logo no parágrafo introdutório, reconhece que o livro, pelo título e pela dedicatória, pode ser lido, em seu “conteúdo mais aparente”, como uma *ars poética*. Mas confessa não estar interessado em “exortações técnicas”: “o poeta põe, e nós dispomos. E nós (ou eu, pelo menos) não estamos interessados em exortações técnicas”. E continua: “toda metáfora tem ida e volta, e aquilo que, a uma intenção de confraria poética, pode valer como alegoria do *métier*, traz-nos afinal, em carga de retorno, todo um modo originalíssimo de sentir, de surpreender, a própria textura material das coisas”. Por exemplo, quando o poeta associa a teratologia hospitalar da flora adaptada às terríveis condições da Caatinga ou cria outras “metáforas necessárias”, restaura, segundo Óscar Lopes, “a riqueza de relações entre as coisas, a que, sem dar por isso, nos tornaríamos cegos.” Para o crítico, mais do que a “alegoria focada sobre os problemas artísticos”, tão cara a um “público poético”, importa no livro a redescoberta “de novas janelas nos sentidos carnis que dão para as coisas”.

É, pois, nesse processo de descobrir novos sentidos para as coisas que é sempre “descobrir novos horizontes de expansão humana” e não na alegoria de uma arte poética, que Óscar Lopes reconhece *A educação pela pedra*, “quase de poema a poema, uma obra-prima de meditação profunda e inesgotável”.

*

O quarto e último trabalho de Óscar Lopes sobre a poesia de João Cabral foi o prefácio à *Poesia completa* do brasileiro, publicada em 1986 pela Editora Imprensa Nacional/Casa da Moeda.

Conta Arnaldo Saraiva (1987) que, quando da publicação da *Poesia completa*, que reuniu, numa ordem cronológica inversa, os livros de *Pedra do sono* a *Escola das facas*, foi visitar, a convite, João Cabral, na casa da Vila Adriano, no Porto, onde o poeta residiu quando exerceu seu último posto diplomático no exterior. Cabral o teria recebido no cimo da escadaria exterior e, segurando e agitando o volume numa das mãos, gritou ao amigo: “Arnaldo, isto presta para alguma coisa?”. E, depois da interferência do interlocutor, completou: “E, no entanto, está aqui toda a minha vida” (Saraiva, 1987, p. 105).

É verdade que, na obra de um inventor que consagrou sua vida à poesia, mesmo em se tratando de um poeta que se queria anticonfessional, está concentrada, de forma depurada, toda a sua vida. Mas, para além desse sentido pessoal e humano, essa publicação reunida da obra de João Cabral, realizada mais de três décadas após a edição de *Quaderna* e dos *Poemas escolhidos*, representa a institucionalização, nos anos 1980, dessa poesia reconhecida pelo público e pela crítica na década de 1960, em pleno regime salazarista.

Quatro anos após a publicação da *Poesia completa*, Cabral recebeu o prestigioso Prêmio Camões, tendo sido, depois de Miguel Torga, o segundo escritor de língua portuguesa a ser distinguido com esse galardão que, desde 1989, reconhece o conjunto da obra de um autor que enriquece o patrimônio literário e cultural dessa língua.

Se, quando da publicação da poesia então completa, o lugar simbólico de Cabral é outro no panorama cultural português, diverso também é aquele ocupado por Óscar Lopes. Nesse momento, Óscar Lopes é professor catedrático da Universidade do Porto, onde, como mencionado, ingressou apenas após a Revolução dos Cravos, e onde já havia sido vice-reitor (1974-1975) e diretor da Faculdade de Letras (1974-1977) e onde viria a se jubilar em 1987.

Outro dado relevante é o crescimento das cadeiras de Literatura Brasileira em Portugal. Em 1923, foi criada, na Universidade de Lisboa, a cadeira de Estudos Brasileiros e, em 1957, especificamente, a de Literatura Brasileira, que teve Vitorino Nemésio como seu primeiro professor. Tendo sido introduzida no currículo da Universidade de Coimbra em 1960 e, na Universidade do Porto, em 1972, após o 25 de Abril, a disciplina passou a integrar também a matriz curricular de diversas outras faculdades de Letras do país. Em que pese os percalços dessa disciplina em Portugal, que hoje conhece o seu ocaso, sendo subsumida à disciplina de literaturas de línguas portuguesa, os anos 1980 representam um momento institucional mais auspicioso, quando José Augusto Seabra era Ministro da Educação e ampliou a carga horária da disciplina ministrada em diversas faculdades de Letras. Assim sendo, a publicação da *Poesia completa* de João Cabral em Portugal ocorre em um momento em que o autor, considerado um dos principais poetas brasileiros de todos os tempos, integra os programas curriculares das universidades portuguesas (Topa, Siqueira, Yokozawa, 2016).

Óscar Lopes não era professor da cadeira de Literatura Brasileira da Universidade do Porto, ocupada, nesse momento, por Arnaldo Saraiva, o qual, por sua vez, era amigo de João Cabral e autor de diversos trabalhos sobre o poeta. Mas Óscar Lopes representa, nesse momento, uma verdadeira instituição. Trata-se de um professor, crítico, ensaísta, historiador, político, e, sobretudo, de um símbolo de resistência ao salazarismo, que, nesse momento, ocupava devidamente o lugar que lhe cabia. Dessa forma, sua escolha para prefaciar a *Poesia completa* de João Cabral é bastante significativa.

Nos anos 1960, os textos de Óscar Lopes sobre João Cabral circularam, originalmente, em periódicos do Porto, especificamente no *Jornal do Comércio* e na revista *Plano*, sendo apenas posteriormente enfeixados em livro. O veículo de circulação, nesse caso, se não afetou a complexidade das leituras, teve influência na extensão dos textos e na opção pelo gênero resenha, propícia para intermediar a relação entre um lançamento e o público leitor. O prefácio

de Óscar Lopes assume o formato de um ensaio alentado que interpreta, no conjunto, a obra de um autor já consagrado publicado por uma editora oficial.

Nesse ensaio, que abre a poesia até então completa de João Cabral, o entusiasmo que moveu Óscar Lopes a escrever a lúcida resenha sobre os *Poemas escolhidos* cede lugar a uma compreensão amadurecida por anos de leitura, mas que não oblitera a paixão e continua a perseguir, com a virtude da delonga propiciada pelo gênero ensaístico, a mesma obsessão da poesia cabralina pela textura material das coisas, já observada na resenha de 1963.

Intitulado “Das coisas e do seu avesso”, o prefácio principia destacando uma linhagem de poetas que tomam o partido das coisas na tradição portuguesa, espanhola, francesa e também no romanceiro brasileiro, e segue, por meio de exemplos, evidenciando o homem mais espoliado e resistente como o núcleo central ou o avesso dessa poesia das coisas, que se faz sem compunção sentimental pelas misérias nordestinas.

Não caberia aqui resumir o ensaio, que tem sua força, mais do que no argumento de leitura, no seu caminhar sem pressa, nas paráfrases interpretativa dos poemas convocados para examinar a antinomia obsessiva, ou dialética, entre espaço e tempo, dentro e fora, masculinidade e feminilidade, Nordeste e Andaluzia. Gostaria apenas de dizer que não sei se a eleição de Óscar Lopes para prefaciá-la a *Poesia completa* foi ou não indicação de João Cabral. Mas ela certamente não desagradou o poeta. Não apenas pela competência leitora de Óscar Lopes, mas por aquilo que o crítico representa, em sua dimensão política e ética, para Portugal e Brasil.

Referências

BRITO, Ana Maria et al (org.). *Sentido que a vida faz: estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras, 2007.

CÂMARA MUNICIPAL DE MATOSINHO. *Uma homenagem a Óscar Lopes*. Porto: Edições Afrontamentos, 2007.

COLÓQUIO/LETRAS, Paisagem tipográfica: homenagem a João Cabral de Melo Neto, n. 157/158, jul./dez. 2000.

ESPÍRITO SANTO, Manuela. *Óscar Lopes: retrato de rosto*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, 2017.

LOPES, Óscar. *Ler e depois: crítica e interpretação literária*/1. Porto: Inova, 1969. ⁶

⁶ Nesse livro se encontram as seguintes resenhas de Óscar Lopes sobre João Cabral, publicadas originalmente em periódicos: 1) “João Cabral de Melo Neto, poesias escolhidas”. *O Comércio do Porto*, Porto, p. 6, 10 dez. 1963. Cultura e arte. A crítica do livro. 2) “Morte e vida severina, o espetáculo do TUCA”. *Plano*:

LOPES, Óscar. Das coisas e do seu avesso (sobre a poética de Melo Neto). In: MELO NETO, João Cabral. *Poesia completa 1940-1980*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da moeda, 1986. pp. 9-30.

LOPES, Óscar. “Óscar Lopes, o comunista que continua a acreditar na Revolução. Carlos Câmara Leme (entrevistador), *O Público*, 22 mar. 2013. Disponível em <https://www.publico.pt/2013/03/22/culturaipsilon/noticia/testemunhas-do-seculo-portugues-o-comunista-que-continua-a-acreditar-na-revolucao-1588782>. Acesso em: 5 set. 2025.

SANTOS, José da Cruz Santos (Coordenador). *Óscar Lopes – Um homem maior do que o seu tempo. Na comemoração dos seus noventa anos*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, 2007b.

SANTOS, José da Cruz Santos (Coordenador). *Óscar Lopes – Exemplo para os dias por vir*. Porto: Fólio Edições, 2007a.

SARAIVA, Arnaldo. Carta do Brasil. *Dar a ver e a se ver no extremo: o poeta e a poesia de João Cabral de Melo Neto*. Porto: CITCEM, Edições Afrontamento, 2014⁷.

SIMÕES, João Gaspar. “A poesia, essa estranha invenção”. *Letras e Artes*: suplemento de “A Manhã”, Rio de Janeiro, ano 4, n. 185, p. 1 e 10, 19 nov. 1950.

SIMÕES, João Gaspar. “Poemas escolhidos”, por João Cabral de Melo Neto. *Diário de Notícias*, Lisboa, p. 15-16, 1 jan. 1964. Crítica Literária.

TOPA, Francisco, YOKOZAWA, Solange Fiuza Cardoso, SIQUEIRA, Joelma Santana. Considerações sobre os estudos de literatura brasileira em Portugal. In: _____. *Estudos de literatura brasileira em Portugal: travessias*. Porto: CITCEM / Edições Afrontamento, 2016, pp. 7-15.

TORRES, Alexandre Pinheiro. A poesia de João Cabral de Melo Neto (apenas algumas indicações ao leitor comum). *Poemas escolhidos*. Seleção de Alexandre O'Neill. Lisboa: Portugalia, 1963, pp. IX-XXXV.

Solange Fiuza. Professora Titular de Literatura Brasileira da UFG e coordenadora adjunta dos programas acadêmicos da área de Linguística e Literatura da CAPES (2022-2026). Doutorou-se na UFRGS, com pesquisa que resultou no livro *A memória*

cadernos antológicos de cinema e teatro, Porto, pp. 64-65, out. 1966, n. 4. 3) “João Cabral de Melo Neto, educação pela pedra”. *Comércio do Porto*, Porto, p. 13, 23 jan. 1968. Cultura e arte. A crítica do livro.

7 Nesse livro, que reúne as publicações do crítico sobre João Cabral de Melo Neto, encontra-se a resenha Um grande acontecimento teatral: “Morte e vida severina” de João Cabral de Melo Neto. *Letras e Artes*, Lisboa, 5 jan. 1966, pp. 5 e 15.

lirica de Mario Quintana, publicado pela Editora da UFRGS. Desenvolveu estágios pós-doutorais na Universidade do Porto e na UFF, bem como na Universidade de Coimbra e na UERJ, sempre investigando as relações poéticas Brasil-Portugal a partir da obra do poeta João Cabral de Melo Neto. Pesquisadora do CNPq, coordena o projeto interinstitucional Geografias Culturais Ibero-Americanas. Entre suas publicações mais recentes, destaca-se o livro *Correspondência inédita e anotada - Alberto de Serpa/ João Cabral de Melo Neto* e *O cavalo de todas as cores*, organizado em parceria com Arnaldo Saraiva.

E-mail: solfiuza@gmail.com

Declaração de Autoria

Solange Fiuza, declarada autora, confirma sua participação em todas as etapas de elaboração do trabalho: 1. Conceição do projeto, pesquisa bibliográfica, análise e interpretação dos dados; 2. Redação e revisão do manuscrito; 3. Aprovação da versão final do manuscrito para publicação; 4. Responsabilidade por todos os aspectos do trabalho e garantia pela exatidão e integridade de qualquer parte da obra.

Declaração de Disponibilidade de Dados

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

Parecer Final dos Editores

Ana Maria Lisboa de Mello, Elena Cristina Palmero González, Rafael Gutierrez Giraldo e Rodrigo Labriola, aprovamos a versão final deste texto para sua publicação.

Recebido em: 09/01/2026

Aceito em: 04/07/2026